

DR. RUEDI LÜTHY

A receita de CURA do "Prof."

Um médico inspirador leva
esperança a uma nação
arruinada POR BRIAN EADS

Sofrendo de febre, fadiga e uma tosse persistente, Trish* recebeu o diagnóstico de tuberculose em um hospital de Harare, capital do Zimbábue. Coisas piores estavam por vir. A jovem professora do ensino fundamental desenvolveu ainda sarcoma de Kaposi, tipo de câncer potencialmente fatal. Em janeiro de 2005, seu teste de HIV deu positivo.

Os medicamentos para combater as infecções lhe custam US\$ 100 ao mês, todo o seu salário. Viúva de um marido que morreu de Aids, com um filho para criar, Trish não tinha como pagar os remédios e o tratamento. Com o sistema imunológico em falência, abriu mão do emprego e de qualquer chance de sobrevivência.





O professor Lüthy examina uma radiografia que mostra os pulmões de um paciente com tuberculose. Junto dele estão a Dra. Nicky Ngorima e a Dra. Margaret Pascoe (no meio), médicas de sua equipe no Zimbábue.

Em junho de 2006, irmãs dominicanas enfermeiras recomendaram-na à Clínica Connaught, centro de tratamento para vítimas do HIV criado e financiado pelo professor Ruedi Lüthy, médico suíço. Quatro meses depois, Trish caminha animadamente em direção à clínica.

- Como está você? - pergunta Lüthy.

- Forte. Estou sem tosse - ela sorri. A tuberculose está curada, o tumor diminuindo, o sistema imunológico funciona e ela voltou a trabalhar. E sabe que, se não fossem Lüthy e sua equipe, estaria morta. - Muito obrigada! - exclama ela.

Desde que abriu a clínica em Harare, em 2004, Ruedi Lüthy já proporcionou cuidados e medicamentos que salva-

Zimbábue é impulsionado por um "forte sentimento de dever e uma dedicação exclusiva ao que precisa ser feito", diz ele. Ambos foram inculcados nele durante a rigorosa criação protestante, em Lucerna. Para pagar os estudos na faculdade de Medicina, em Zurique, ele dava plantões noturnos como assistente de enfermagem. Formou-se em 1968 e passou um ano na Universidade de Washington estudando as doenças infectocontagiosas e o sistema imunológico. Voltou para Zurique para criar um novo departamento no hospital da universidade.

Em 1982, os primeiros casos de HIV começaram a ser detectados em Zurique. Os médicos não conseguiam reconhecer o vírus e pouco podiam fazer pelos infectados. Lüthy via uma su-

Para muitos doentes como Trish, que sofrem por causa da Aids, ele é a única esperança.

ram a vida de mais de 1.300 pacientes. Hoje, para muitos zimbabuenses como Trish, que têm Aids, ele é a única esperança. E esse é o motivo pelo qual, aos 62 anos, Lüthy desistiu de uma importante carreira de professor de Medicina e Doenças Infecciosas na Universidade de Zurique e de presidente do Comitê Nacional de Aids da Suíça, para trabalhar numa região do sul da África.

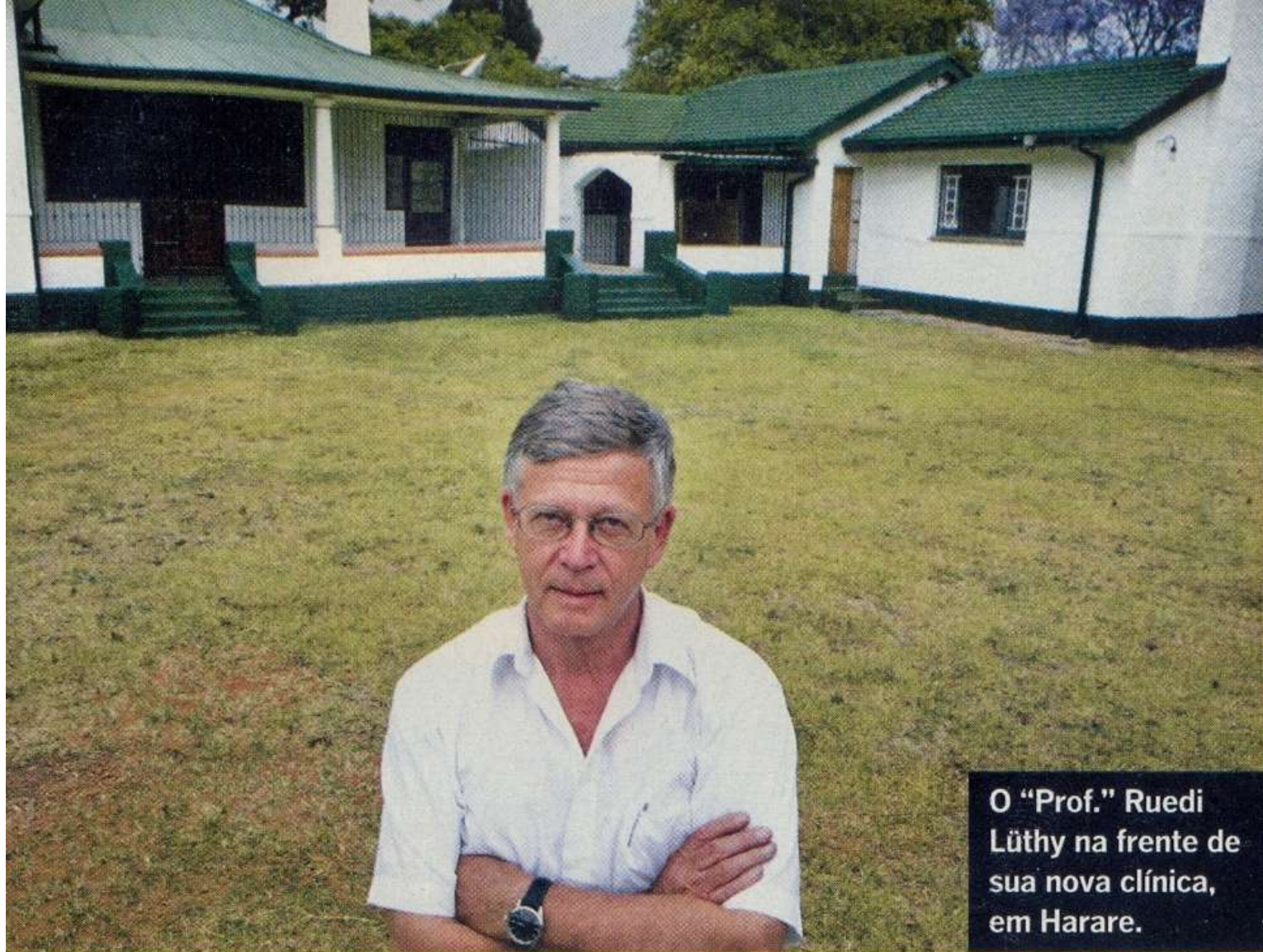
Como muitas outras coisas em sua vida, o compromisso de Lüthy com o

cessão de pacientes jovens morrerem num curto espaço de tempo.

- O que você espera de nós? - perguntou ele a um paciente, que se sufocava enquanto o câncer disseminava-se da pele para os pulmões.

- Quero morrer com dignidade - respondeu o homem. A cultura hospitalar dominante tornava isso quase impossível.

Lüthy se deu conta de que era necessário oferecer tratamento paliativo para aliviar o sofrimento das vítimas



O “Prof.” Ruedi Lüthy na frente de sua nova clínica, em Harare.

nos últimos meses de vida. A Suíça tinha apenas duas casas de saúde para tratamento terminal. Lüthy arrecadou 50 mil francos suíços e abriu uma casa com 21 leitos em Zurique. Chamava-se “Zürcher Lighthouse” (O Farol), um eco de algo que Lüthy aprendera na faculdade: o papel de um médico é como o do comandante de um navio – guiar pessoas em segurança.

Em meados da década de 1990, a tripla combinação de drogas reduziu drasticamente a probabilidade de o vírus sofrer uma mutação que o deixasse resistente aos medicamentos. Se a ciência não fosse capaz de eliminar o vírus, talvez ao menos conseguiria contê-lo.

Um dos jovens pacientes de Lüthy no Lighthouse estava de cama havia

um ano, paralisado dos quadris para baixo, depois que o HIV atacou sua medula espinal. Duas semanas depois que Lüthy começou a lhe administrar os novos medicamentos, o homem exclamou: “Consigo sentir minhas pernas!” Após três meses de tratamento, ele desceu as escadas do hospital sem ajuda. “Para mim, foi quase inacreditável”, conta Lüthy. “Aquilo era um avanço científico.”

Numa conferência sobre Aids em Durban, em 2000, Lüthy ouviu um discurso proferido por Edwin Cameron, juiz da Suprema Corte sul-africana, que revelou ser gay e ter Aids. Disse que já estaria morto se não fossem as drogas, que não estavam disponíveis para 25 milhões de africanos portadores de



Irmã Rita, enfermeira da clínica, abraça Nyasha, de 11 anos, que está recebendo tratamento anti-retroviral.

HIV. Os delegados não deviam voltar para casa e alegar que não sabiam disso.

Sentado em meio à platéia, Lüthy ficou atônito com o que ouviu. Num café-da-manhã com Cameron, ele lhe confidenciou que gostaria de fazer algo na África. Sua mulher, Rosy, enfermeira, apoiava a decisão. Seu medo, no entanto, era de que a idéia fosse insana.

Mas o desejo não o abandonava. Dois anos depois, durante outra conferência, em Barcelona, uma médica zimbabuense lhe pediu ajuda para um estudo no qual tratava com aspirina e vitaminas pacientes infectados por HIV.

– Você não pode fazer isso! – exclamou Lüthy.

– Mas é tudo o que temos – revelou ela.

Lüthy decidiu ir ao Zimbábue. O que encontrou foi muito pior do que esperava. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estimava que entre 1,7 e 2,2 milhões de pessoas – um quarto da população adulta – estavam infectados com HIV/Aids, posicionando o país como uma das nações mais afetadas pela doença no mundo. Mais de um milhão de crianças haviam ficado órfãs por causa da Aids. Metade dos profissionais de saúde havia deixado para trás o extravagante regime do presidente Robert Mugabe e uma economia em ruínas. Das 300 mil pessoas com Aids que precisavam de tratamento, menos de 10% o estavam recebendo.

Num domingo, Lüthy viu um médico distribuir receitas de antibióticos num ambulatório. Ambos sabiam que

os pacientes não tinham dinheiro para comprar a medicação. Revoltado com aquilo, Lüthy resolveu abrir uma clínica no Zimbábue.

Amigos lhe sugeriram que consultasse Patricia Walsh, uma freira dominicana irlandesa. Enfermeira diplomada e presidente da Rede Internacional Cristã pela Aids, ela trabalhava no Zimbábue havia 30 anos, grande parte desse tempo com pacientes com Aids e órfãos. Lüthy soube que ela estaria de passagem por Zurique. Descobriu o número de seu vôo e ficou esperando no portão de desembarque até ver surgir uma senhora idosa de véu azul. Ele se apresentou, explicou o projeto e perguntou o que ela achava. "Não sei como isso poderá funcionar", respondeu ela.

tras, petróleo. Poucas coisas aconteciam na hora marcada. Demorou seis semanas para receberem o contêiner com os equipamentos da fronteira do Zimbábue até Harare, a menos de 500 quilômetros. Para Lüthy, aquilo era de enlouquecer. Irmã Patricia, que apesar da reserva inicial concordara em ajudar, avisou: "Isto aqui é a África. Amanhã será um novo dia."

Depois de converter dois bangalôs em uma clínica e um laboratório, Lüthy recrutou técnicos e seis enfermeiros que treinou para o tratamento de pacientes com HIV. Eles examinavam e faziam diagnósticos, tarefas rotineiramente reservadas a médicos.

A regra básica para aceitar alguém para tratamento implicava aceitar tam-

"Tratar uma mãe de cinco filhos fará com que ela seja capaz de criá-los", disse Lüthy à equipe.

Apesar disso, Lüthy foi em frente. Lançou a Swiss Aids Care International (SACI), fundação beneficente, captou 300 mil francos suíços, pediu a hospitais e ao Exército suíço que lhe doassem equipamentos e encheu um contêiner. Em agosto de 2003, chegou a Harare com o filho Philipp, profissional de informática, que se oferecera para organizar o sistema de registros de pacientes.

O aprendizado começou logo. Havia apagões que duravam até seis horas. Às vezes faltavam medicamentos; ou-

bém a família. Os pacientes tinham de ser francos com seus parceiros sexuais e ter um companheiro de tratamento, de forma a encorajar a adesão rigorosa aos medicamentos receitados. Manter viva gente tão pobre beneficiaria outros. "Tratar uma mãe de cinco filhos fará com que ela seja capaz de criá-los", disse Lüthy à sua equipe.

Os pacientes vinham pelo "boca-a-boca" ou recomendados por hospitais e profissionais de saúde. A maior parte sofria de infecções oportunistas, como tuberculose, infecção por fungos ou



Ruedi Lüthy com Oscar Tapera, tecnólogo do laboratório.

tumores, e Lüthy costumava combatê-las antes de dar início à terapia anti-retroviral contra o HIV. Entre esses pacientes havia uma jovem que fora estuprada por um professor. Com o organismo debilitado por uma pneumonia, pesava apenas 29 quilos. Curada da pneumonia, engordou cinco quilos no primeiro mês do tratamento. Em seguida, sofreu um derrame e passou vários meses sem conseguir caminhar ou falar. A equipe de Lüthy persistiu com o tratamento e, lentamente, ela recuperou a fala e os movimentos. Em sua mais recente visita mensal à clínica, pesava 55 quilos. “Ela passou por todas as complicações possíveis, mas foi em frente”, lembrou Lüthy.

Mas, em 2005, o governo lançou a Operação Murambatsvina (Faxina), expulsando invasores e despejando centenas de milhares dos cidadãos mais pobres do país, sob a alegação de que

vinham apoiando a oposição. Entre as favelas destruídas estava Hatcliffe Extension, situada 10 quilômetros ao norte de Harare. Abrigava 40 mil pessoas, incluindo 100 pacientes da clínica.

“Hatcliffe via no ‘Prof.’ o seu salvador”, explicou a Dra. Margaret Pascoe, uma das duas médicas zimbabuenses que trabalham com Lüthy. (Todos o chamam de ‘Prof.’.) Ele foi ver a demolição de perto. Uma das pacientes, que precisava de água potável para preparar a medicação para seu bebê, foi enxotada da única fonte, a bomba pública, por policiais e soldados. Teve de se esconder e voltar, sorratamente, depois que escureceu. Muitos pacientes que viviam em Hatcliffe sumiram.

Cheio de raiva e frustração, Lüthy voltou à Suíça. Pouco a pouco, a dor e a raiva foram diminuindo. Após seis semanas, retornou ao Zimbábue e des-

cobriu que dos pacientes desaparecidos, só quatro continuavam sumidos. Muitos precisavam de comida. A clínica distribuiu baldes de 20 quilos de milho seco. Uma viúva que fugira para o interior havia caminhado mais de seis horas com uma criança nas costas e outra ao seu lado para não perder a consulta mensal na clínica. Quando lhe perguntaram por que, ela respondeu: "Porque o Prof. salvou a minha vida."

À medida que o número de pacientes em tratamento aumenta, cresce, também, o número de crianças. Até maio de 2006, a equipe cuidava de 270, com idades entre 10 meses e 17 anos, a maioria infectada pela mãe ainda no útero. Por terem pesos diversos, as crianças exigem doses diferentes de medicação. Muitas vezes, é Rosy Lüthy quem as prepara, moendo comprimidos em pilões, pesando ingredientes e enchendo cápsulas.

Rita Phillip, enfermeira pediátrica, usa guerreiros e armas imaginários para contar às crianças a história dos soldados que existem no corpo e que travam a batalha contra o HIV. "Vou explicar como você pode tornar os seus soldados fortes: tomando o remédio", contou ela. É esta a mensagem que ecoa através de tudo o que Ruedi Lüthy fez no Zimbábue – mesmo com HIV/Aids você pode ter uma vida normal.

A taxa de sobrevivência entre os pacientes de Lüthy é uma medida do que já foi alcançado. Um em cada 20 pacientes submetido à terapia anti-retroviral morreu, metade do número atingido por tratamentos semelhantes em outras partes do sul da África. "Prof. construiu um centro de excelência", disse sua colega, Margaret Pascoe.

Ainda em boa forma e forte, aos 65 anos, Ruedi Lüthy não tem intenção de parar. Após conseguir doações em dinheiro de governos europeus e organizações internacionais, comprou uma propriedade em Harare e, este ano, pretende aumentar para dois mil o número de pacientes atendidos. Depois, seu desejo é criar clínicas-satélites em torno da capital.

"É uma alegria diária ver pessoas que eram tão fracas e frágeis voltarem dois ou três meses depois com uma expressão completamente diferente", diz ele. "É a recompensa por todos os momentos difíceis."

O Dr. Peter Piot, diretor-executivo do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), resume assim a contribuição de Lüthy: "Eu conhecia e admirava o trabalho do professor Ruedi Lüthy com a Aids na Suíça. Sua decisão de dedicar a vida a pessoas com o HIV no Zimbábue é um nobre exemplo para todos nós."

SÓ PODE SER UM SINAL

Do lado de fora de uma igreja que freqüentamos há pouco tempo, uma placa nos deixa saber que Deus não consegue vigiar absolutamente tudo: "Nosso Senhor não se responsabiliza por objetos de valor deixados no interior dos automóveis."

JOSEPH KNISH, EUA